

Renascimento do ideal de martírio na Época Moderna *

*No início da Época
Moderna, a encenação e a
apresentação das
demonstrações de fé
terminando com a morte,
usaram de todas as
possibilidades de
transposição oferecidas
pelos media: canções,
dramas e imagens recebem
os motivos, que lhes eram
proporcionados pelas lutas
religiosas e a acção
exemplar dos crentes
da sua própria fé.
A apresentação
frequente de temas
relacionados com a missão
e, com isso,
actuais à época,
servia aparentemente não
só ao ensino e à diversão,
como também
à demonstração de
um catolicismo vital,
que mantinha activo
em todo o mundo
o heroísmo dos tempos
dos apóstolos.*

Christoph Nebgen

*Johannes-Gutenberg
Universität (Mainz)*

Contextualização: o conceito do martírio entre os sécs. XVI-XXI

Após os atentados de 11 de Setembro, difundiu-se, de novo, um conceito nos media ocidentais, que, até à data parecia perdido na caixa de traças, ou seja, se encontrava fora de moda. De repente, a palavra martírio passou a ser comum em todas as bocas. Ao longo dos tempos, esse conceito tinha-se autonomizado na linguagem comum, tornando-se um simples símbolo de experiências traumáticas ou momentos da vida, cujo desenrolar podia ser considerado como doloroso. O verdadeiro significado deste termo, isto é, “testemunhas de sangue”, difundiu-se assim cada vez mais. A tradição do conceito de próprio martírio e do seu significado religioso tornou-se de novo fortemente perceptível na consciência do mundo ocidental com os atentados suicidas de terroristas islâmicos fundamentalistas. Surgiu posteriormente, em especial, nas ciências do espírito e da cultura, um debate alargado relativo ao fenómeno do martírio, o qual se reflecte em inúmeras publicações.¹

A consciência desta tradição judaico-cristã nunca foi quebrada no interior da teologia cristã.² Assim, em

* Tradução do alemão para o português por Wilhelm Ludwig Osswald e Maria Cristina Osswald.

¹ Märtyrer- Portraits, *Von Opfertod, Blutzeugen und heiligen Kriegern*, ed. Sigrid Weigel, München, Fink, 2007.

² Acerca dos primórdios e das raízes judaicas de uma teologia do martírio, ver: Baumeister, Theofried, *Genese und Entfaltung der al-*

1999 foi realizado um índice dos “mártires católicos alemães do séc. XX” por Helmut Moll a pedido da Conferência Episcopal Alemã e que, já em 2006, teve a sua quarta edição.³ A origem, a formação e a aceitação do culto dos mártires sofreram, no decurso de dois mil anos da História do Cristianismo, conjunturas intimamente relacionadas com o respectivo contexto das condições colaterais da história da Igreja. Precisamente, situações de crise exigem do crente, no sentido de virtudes cristãs, firmeza, perseverança na fé e coragem para a profissão da mesma fé. Na experiência destas virtudes o crente pode chegar a santo, cuja vivência é reconhecida como exemplar por todos os cristãos.

Existe um grande potencial de conflitualidade sobretudo na relação com a autoridade estatal e o seu cunho ideológico. No séc. XX eram - e são ainda - em parte, e, em especial, as ditaduras, cujas pretensões totalitárias significam uma incompatibilidade com a concepção cristã do mundo. Estas discussões podem deter igualmente um poder de identificação para as comunidades dos crentes, que se auto-define como *Ecclesia afflicta* e, com isso, colocam-se na tradição das comunidades e da igreja perseguida dos mártires do início do Cristianismo.⁴ O culto atribuído aos mártires serve não apenas para a afirmação de um “exemplum”, para o qual, cada um deve orientar a sua própria vida, mas também para a constituição de uma identidade de grupo, que possui, na sua diferença em relação a outros grupos sociais, um ponto de referência para a verdade da própria crença no martírio e na sua testemunha.

Esta força de identidade do martírio foi utilizada cada vez mais nas lutas confessionais, que ocorreram nos sécs. XVI e XVII no interior do Cristianismo, para, com ela, ser apresentada a profissão própria como a única verdadeira, para além dos vários pontos de vista de conteúdo teológico.⁵ O martírio foi tão divulgado nos media, que, para a comunidade em questão, podia tornar-se um acontecimento identificador. A morte exemplar e, por norma, heróica do indivíduo adquiriu um significado, que devia verificar a reivindicação de verdade de todo o grupo. Em contraste com os atentados suicidas islâmicos, esta morte não é induzida pelos próprios e ainda menos leva à morte de outras pessoas, segundo a compreensão cristã da profissão de fé.⁶

No início da Época Moderna, a encenação e a apresentação das demonstrações de fé terminando com a morte, usaram de todas as possibilidades de transposição oferecidas pelos media: canções, dramas e imagens recebem os motivos, que lhes eram proporcionados pelas lutas religiosas e pela acção exemplar dos crentes da sua própria fé. Peter Bruschel pesquisou e interpretou de forma notável uma grande

tkirchlichen Theologie des Martyriums, Peter Lang et al. , Berna, 1991; e “Märtyrer und Martyriumsverständnis im frühen Christentum: Ursprünge eines geschichtsmächtigen Leitbildes”, *Wissenschaft und Weisheit* 67 (2004), pp. 179-190.

³ Moll, Helmut, *Die katholischen deutschen Märtyrer des 20. Jahrhunderts. Ein Verzeichnis*, 6ª ed., Paderborn, Verlag Ferdinand Schöningh, 2004.

⁴ Como exemplo da Crisandade medieval, ver: Füser, Thomas, “Vom exemplum Christi über das exemplum sanctorum zum “Jedermannsbeispiel”. Überlegungen zur Normativität exemplarischer Verhaltensmuster im institutionellen Gefüge der Bettelorden des 13. Jahrhunderts”, *Die Bettelorden im Aufbau. Beiträge zu Institutionalisierungsprozessen im mittelalterlichen Religiosentum*, ed. Gert Melville e Jörg Oberste, Münster, Litt - Verlag, 1999, p. 27.

⁵ Burschel, Peter, *Sterben und Unsterblichkeit. Zur Kultur des Martyriums in der frühen Neuzeit*, München, Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 2004; Gregory, Brad, S, *Salvation at Stake: Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Cambridge, (Mass.) Harvard University, 1999; El Kenz, David, *Les bûchers du roi. La culture protestante des martyrs (1523- 1572)*, Seyssel, Champ Vallon, 1997.

⁶ Burschel, Peter, “Selig sind, die heute Unrecht erleiden. Sterben, nicht töten: Der Sinn des Christlichen Martyriums”, *Frankfurter Allgemeine Zeitung* 40 (17 Fevereiro de 2003), p. 42.

quantidade de fontes documentais protestantes, provenientes sobretudo do mundo de língua alemã. Entre estas, contam-se panfletos do início da Reforma, martirológios, dramas, nomeadamente, no mundo protestante, a peça “Catharina von Georgine” [Catharina da Geórgia] de Gryphius, canções de mártires, como foram concebidas pelos baptistas do Sul da Alemanha e livros de história, incluindo de história da Igreja Baptista liderada por John Hutter e dos menonitas. Do lado católico, foram sobretudo os jesuítas, que se dedicaram à encenação artística do culto dos mártires. Por um lado, tal deveu-se ao vasto campo de acção da Companhia de Jesus, transformada na ponta de lança da Reforma Católica. Por outro lado, a jovem Companhia precisava de imagens e motivos identificadores. No entanto, foram sobretudo os campos de acção fora da Europa que demonstraram ser uma verdadeira mina de exemplos, que seriam particularmente impressionantes para encenação nos palcos das concorrências religiosas. Nos martirológios, nos palcos de teatro, na arte das canções e das imagens os membros da própria Companhia podiam sempre apresentar-se como testemunhas heróicas de fé e, com isso, representar a questão católica, incluindo jesuíta, de modo sensível.

O martirológio do P. Matthias Tanner

Observamos como quarenta homens são deitados ao mar de um barco, para serem devorados por peixes em frente da Costa das Canárias, quando se dirigiam à missão do Brasil (1570). Seguidamente, um índio peruano extrai o coração do corpo dum europeu. De novo, índios destroem uma igreja com enxadas e irão em breve conduzir um padre no púlpito ao seu destino final. Finalmente, um homem é obrigado por um japonês, que o observa com um olhar frio, a permanecer dentro de um mar gélido de Inverno, onde sofrerá a morte por congelamento. Um elemento é comum a todas as imagens: os sacrificados são sempre jesuítas missionários, que tinham morrido na difusão do Evangelho em diferentes partes do mun-



Ilustração 1

Gravura de Melchior Küsell representando o Martírio de Inácio de Azevedo e dos trinta e nove companheiros nos Mares das Canárias, a caminho do Brasil, 15 de Julho de 1570, in Tanner, Matthias, *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem pro Deo et Christina Religione militans in omnibus Mundi partibus fortitudinis sua trophaea erigit*, Praga, *Universitatis Caroli-Ferdinandae*, 1675, p. 178, obra em posse da *Martinus-Bibliothek des Priesterseminars Mainz*

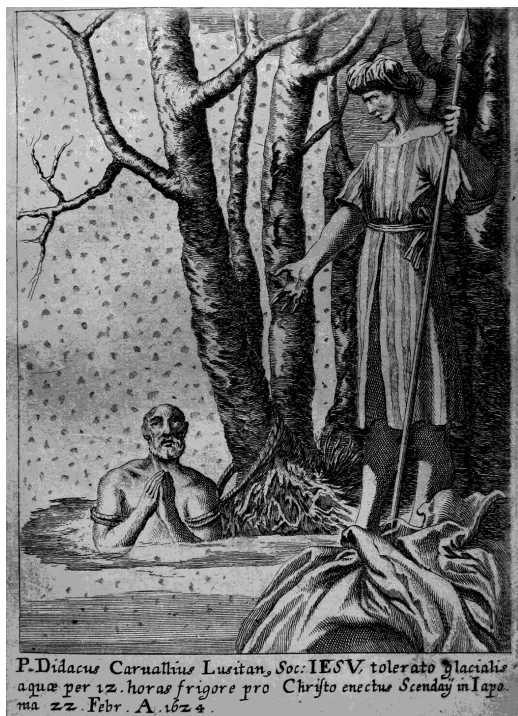


Ilustração 2

Gravura de Melchior Küsell representando o Martírio por congelamento do jesuíta português Diogo Carvalho no Japão, 22 de Fevereiro de 1624, in Tanner, Mathias, Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem pro Deo et Christina Religione militans in omnibus Mundi partibus fortitudinis sua trophaea erigit, Praga, Universitatis Carolo-Ferdinandae, 1675, p. 313; Praga, Universitatis Carolo. Obra em posse da Martinus-Bibliothek des Priesterseminars Mainz



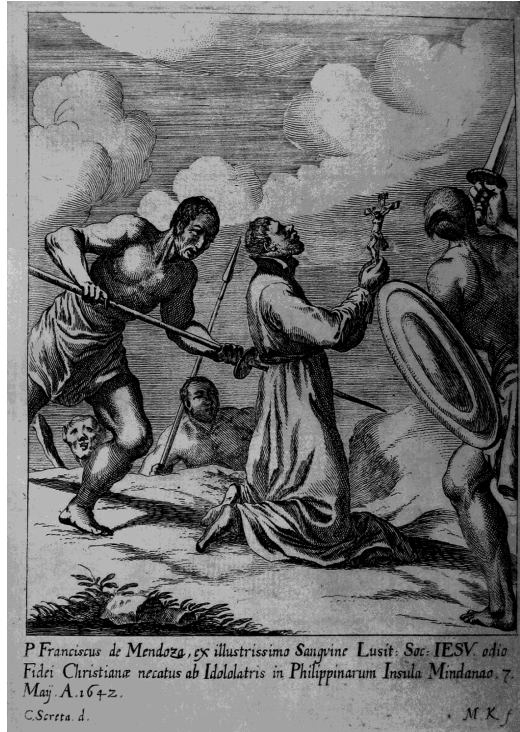
Ilustração 3

Gravura de Melchior Küsell representando o Martírio do jesuíta espanhol Fernando Santarém na Nova Espanha, 20 de Novembro de 1620, in Tanner, Mathias, Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem pro Deo et Christina Religione militans in omnibus Mundi partibus fortitudinis sua trophaea erigit, Praga 1675, p. 477: Obra em posse da Martinus-Bibliothek des Priesterseminars Mainz

do. Todas estas representações são provenientes do Martirológio (1675) muito ilustrado do jesuíta Mathias Tanner (1630-1692), o qual também foi publicado em 1683 em versão alemã.⁷

Ilustração 4

Gravura de Melchior Küsell
representando o Martírio do jesuíta Francisco
Mendoza ou Mendonça, ilustre lusitano, na ilha
de Mindanau, Filipinas, 7 de Maio de 1642,
in Tanner, Mathias,
Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae
profusionem pro Deo et Christina Religione
militans in omnibus Mundi partibus
fortitudinis sua trophaea erigit,
Praga 1675, p. 408:
Obra em posse da Martinus-Bibliothek
des Priesterseminars Mainz



Na sua obra, o P. Tanner apresentou as *vitae* de trezentos e quatro mártires jesuítas. Entre os martírios descritos por esta obra, o número de sessenta e oito ocorreu na Europa e em África, cinquenta martírios aconteceram na América e cento e vinte na Ásia.⁸ Para a Companhia de Jesus, isto era ainda um modo especial de afirmar o seu perfil de ponta de lança da missão mundial católica. “É monstruoso o martírio de não poder tornar-se mártir”.⁹ Esta queixa inicialmente paradoxal provém de uma carta enviada pelo jesuíta P. Philipp Jeningen (1642-1704) de Ellwangen a 2 de Fevereiro de 1686 para o Geral da Companhia, P. Charles de Noyelle (1615-1686).¹⁰

⁷Tanner, Mathias, *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem militans, in Europa, Africa, Asia, et America, contra gentiles, mahometanos, judaeos, haereticos, impios, pro deo fide, ecclesia, pietate. sive vita, et mors eorum, qui ex societate jesu in causa fidei, vbertutis propugnatae, violentâ morte toto Orbe sublatis sunt*, Praga, Universitatis Carolo-Ferdinandaeae, 1675 ; e edição alemã: *Die Gesellschaft Jesu bis zur Vergieessung ihres Blutes wider den Gotzendienst, Unglauben und Laster, für Gott, den wahren Glauben, und Tugendten in allen vier Theilen der Welt streitend: Das ist: Lebens-Wandel, und Todes-Begenbenheit derjenige, die aus der Gesellschaft Jesu um Verhätigung Gottes, des wahren Glaubens, und der Tugenden, gewalthätiger Weise hingerichtet worden*, Praga, Universitatis Carolo-Ferdinandaeae, 1683.

⁸Burschel, *op. cit.*, p. 229.

⁹Archivum Romanum Societatis Iesu [ARSI], FG 754, *Carta de Philipp Jeningen, Ellwangen, 2 de Fevereiro de 1686, f. 277: “Ingens marturium non posse esse martyrem!”*

¹⁰A publicação mais actual acerca da vida deste jesuíta activo na missão popular de Ellwangen é: *“Auch auf Erd ist Gott mein Himmel”: Pater Philipp Jeningen SJ - Missionar und Mystiker; Leben und Briefe*, ed. Julius Oswald, Ostfildern, Schwabenverlag, 2004.



Ilustração 5

Gravura representando o Martírio de Sebastião Vieira com os companheiros portugueses, no Japão, 6 de Junho de 1634, in Tanner, Mathias, *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem pro Deo et Christina Religione militans in omnibus Mundi partibus fortitudinis sua trophaea erigit*, Praga 1675, p. 376: Obra em posse da Martinus-Bibliothek des Priesterseminars Mainz

Jeningen já tinha informado o seu superior várias vezes acerca do seu desejo de martírio, implicando uma mudança de residência a ser outorgada pelo Geral: o P. Jeningen sentia, que se encontrava no local errado para poder concretizar o seu *desiderium*. As praias exóticas da Ásia e as florestas tropicais da América Latina proporcionavam ao jovem jesuíta um contexto muito mais adequado para os seus desejos: aqui podia-se facilmente encontrar o martírio, enquanto se procurava salvar as almas dos nativos aparentemente sem Deus.



Ilustração 6

Pedro Laboria, Morte de S. Francisco Xavier, Altar-Mor da Igreja de Sant'Ignacio, Bogotá, Colômbia, 1726. Foto de Christoph Nebgen

¹¹ A obra mais recente acerca da vida do missionário na Ásia, em língua alemã é: Franz Xaver - *Patron der Missionen: Festschrift zum 450. Todestag*, ed. Rita Haub e Julius Oswald, Regensburg, Verlag Schnell & Steiner GmbH, 2002.

Tal propósito encontrava uma actualidade e uma dimensão completamente nova e levou S. Francisco Xavier a percorrer milhares de léguas por mar, a avançar por regiões nunca antes pisadas por europeus e culturas, línguas e religiões estranhas. Guiado pela ideia de levar o Evangelho também para o Império do Meio, o missionário, completamente exausto, acabou por morrer sózinho numa pequena ilha no Mar da China.¹¹ Os seus escritos trazendo para a Europa descrições de baptismos em massa entre os nativos de regiões estranhas, a dimensão indescritível das regiões recém - descobertas e do número dos povos que as habitavam, ainda hoje testemunham como o missionário se sentia instigado e impelido a dirigir tantas pessoas quantas fosse possível sob a bandeira de Cristo e “conquistar todo o mundo dos pagãos”, como é formulado nos *Exercícios Espirituais* do antes soldado e depois fundador da Companhia, o santo espanhol Inácio de Loyola.¹²

Francisco Xavier ultrapassou as fronteiras de países, línguas e culturas em dimensões completamente novas e até então desconhecidas. E, ao mesmo tempo, na consciência do Cristianismo europeu de toda a esfera terrestre, a crise causada pela Reforma aumentou uma divisão real da Igreja do Ocidente. Ao observador contemporâneo não reformador, os campos de missão abertos por Francisco Xavier para o Cristianismo católico e os êxitos de conversão com isso conseguidos afiguravam-se como uma reparação, uma compensação para a perda de fiéis motivada pela Reforma iniciada em territórios do Império Alemão.

“Oh Portugueses bem-aventurados e abençoados, espanhóis abençoados, aos quais foram concedidos quase exclusivamente esta extraordinária graça, este benefício e esta felicidade suprema, a qual é tão ambicionada por nós alemães com todos os meios e que são gozados por vós; através de vós, a Índia e o Japão são enriquecidos, vós mostrai-vos a vós mesmos como os herdeiros mais felizes dos mártires. Oh! Que em breve os portugueses e os espanhóis possam aceitar, que o meu desejo se cumpra e, por consequência, nós alemães procuramos estar entre vós com a fé alemã, com a alma alemã e fraternal enquanto eu respirar, tenho esperança”.¹³

Isto escreveu ansiosamente o noviço jesuíta Nicolaus Martius em 24 de Abril de 1634 desde Ingolstadt ao Geral da Companhia. O seu companheiro Nicolaus Obracht escreve cerca de oitenta anos mais tarde também a partir de Ingolstadt:

“Ao contemplar uma imagem do Santo Xavier, dado encontrar-me ainda activo no mundo, decidi e proferi o desejo de morrer onde ele tinha morrido. Abençoado com a consolação divina, era quase sempre incapaz de mover os dedos dos pés”.¹⁴

¹² Trata-se dos nrs. 93 e 137 do livrinho dos *Exercícios* inicianos.

¹³ “O Beatos nimiumque felices Lusitanos, felices Hispani quibus fere solis hac ingens gratia, haec praeclarum beneficium, summa haec felicitas conceditur, ut quod nos Germani omnibus modibus instantissime desideramus, nos fruamini, vos Indiani vos Iaponiam simpleatis, vos Martyriorum haeredes fortunatissimi existatis, utinam vel tantillo tempore Lusitanus aut Hispanus agnosceret, quosq. Desiderio meo esset satisfactum, germani deinde nos inter, esse conabimur, fide germana, germano ac fraterno animo....dum spiro spero.” (ARSI, *Germ.* 18 II, *Carta de Nicolaus Martius, Ingolstadt, 24 de Abril de 1634*, f. 438R).

¹⁴ ARSI, FG. 754, *Carta de Nicolaus Obracht, 30 de Agosto de 1720*, f. 510.

Estes duas citações de jovens jesuítas demonstram, que a transposição nos media duma morte heróica fora da Europa tinha igualmente consequências na Europa, em particular, entre a juventude.

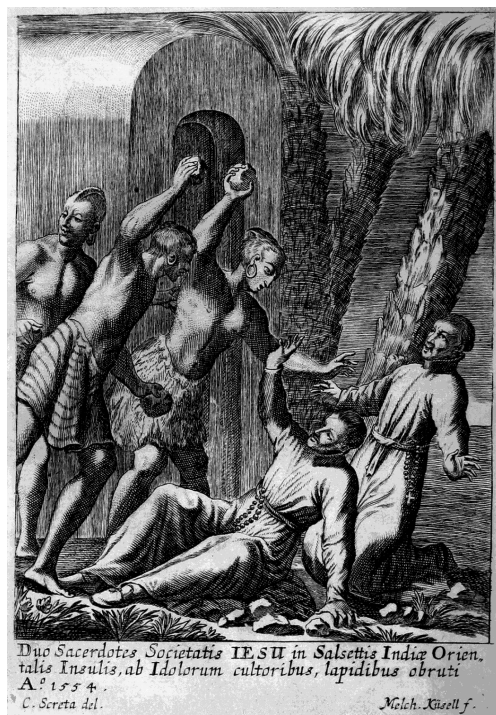


Ilustração 7

Gravura de Melchior Küsell representando o Martírio de dois sacerdotes jesuítas anónimos, em Salsete, Índia Oriental, 1554, in Tanner, Mathias, Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem pro Deo et Christina Religione militans in omnibus Mundi partibus fortitudinis sua trophaea erigit, Praga, 1675, p. 222. Obra em posse da Martinus-Bibliothek des Priesterseminars Mainz

Tais rótulos detinham alguma importância na recruta de novos membros para a Companhia. Assim, Friedrich Spee não é o único jesuíta, que reconhece de livre vontade que é precisamente a possibilidade de ir para fora da Europa, que o tinha levado a entrar na Companhia.¹⁵ De igual modo, outros reconheciam aqui o ponto determinante para a sua entrada na Companhia de Jesus. O jovem Franz Lang (1654-1725) informou, numa carta de candidatura à Companhia com a data de 28 de Setembro de 1675 e escrita em Ingolstadt, acerca de uma conversa com os seus pais, na qual estes lhe tinham perguntado, se ele preferia seguir as pisadas dum dos seus irmãos, que se tinha tornado cônego agostinho, ou antes seguir o outro irmão, que era jesuíta. À pergunta sucessiva do jovem relativa ao que seriam os tais jesuítas, os seus pais responderam:

“aqueles que estavam particularmente destinados a irem para as zonas mais longínquas do globo terrestre, para converterem outras pessoas a Deus, onde depois sacrificariam a sua vida e verteriam o seu sangue por Cristo com inacreditável esforço e em perigo, suportando mesmo as torturas mais severas.”¹⁶

¹⁵ ARSI, Rhen. Sup. 42, Carta de Friedrich Spee, Worms, 17 de Novembro de 1617, f. 22.

¹⁶ “Quaerebant quondam in puerilibus adhunc annis ex me parentes mei, quemnam e germanis fratribus meis (binos enim habebam; unum Canonicum Regularem S. Augustini, in Societate alterum) ego quoque vellem olim imitari, an Canonicum, an vero Jesuitam? Quo adito, cum nullus unquam videram,

O jesuíta de Lucerna Beat Amrhyn descreveu de forma semelhante a acção heróica de membros da Companhia de Jesus fora da Europa:

“Reverendíssimo Padre em Cristo! Aproximo-me de novo como último dos filhos de Vossa Paternidade e desvendo-lhe o meu desejo de coração, com o qual o Deus mais bondoso, não obstante eu ser completamente indigno do mesmo, me preencheu continuamente, ou seja, enviar-me para uma qualquer difícil missão. Eu tenho vergonha das minhas fraquezas e defeitos do meu espírito, quando os comparo com as virtudes heróicas doutros padres e irmãos, que realizam actos tão grandiosos e difíceis e sofrem tanto em diferentes partes da terra em glória de Deus e para salvação das almas.”¹⁷

O comentário do P. Amrhyn, no qual ele estabelecia uma comparação indirecta entre a possibilidade de martírio dentro e fora da Europa, ilustra neste contexto que, para um jesuíta da Europa Central da época, os modelos mais propagados de fé na perseverança podiam ser mais facilmente encontrados na história da missionação fora da Europa do que dentro dela. Publicações como o Martirológio do P. Tanner difundiram a consciência própria da Companhia de Jesus e a sua imagem exterior, que não lhes estava apenas prometido serem os pontas de lança da divulgação do Evangelho nos países recém descobertos, como também testemunharem acerca da sua verdade de forma não excessiva.

Os martírios como material literário

A transposição mais conhecida dos motivos da missão e, em especial, da figura de Xavier em forma de canções no interior do mundo de língua alemã, encontra-se no *Goldenes Tugendbuch* [Livro Dourado das Virtudes] e na *Trutz Nachtigall* [Rouxinol Corajoso] de Friedrich Spee. Na sua intenção e no seu desenrolar, o antes candidato à missão Spee relacionou, sobretudo no seu livro *Goldenes Tugendbuch*, Francisco Xavier e outros missionários activos fora da Europa tais como Francisco Pinto (1552-1608) ou os mártires japoneses da Companhia de Jesus, com um programa de virtudes recordando fortemente os Exercícios Espirituais. Em especial, nos capítulos X e XI da primeira parte do *Goldenes Tugendbuch*, o utilizador é incentivado a reconstituir mental - e sensualmente - os padecimentos de tortura. Spee requer aqui uma *applicatio sensuum* à qual claramente antecede a temática e a reconstituição do martírio, enquanto as decorações exóticas dos locais de observação permanecem relativamente indistintas no texto. De igual modo, no seu “Poetisch gesang von dem H. Francisco Xauier der geselschafft IESU, als er in Jappon schiffen wollte” [Cantiga Poética de S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus, quando procurou embarcar no Japão], o qual se encontra na canção *Trutz – Nachtigall*, um tom soando como um som marcial, chama a atenção, sendo de referir, que não se encontram, por fim, descrições de exotismo asiático e dos habitantes.

scire petii, qui qualesque homines essent Jesuitae? Respondere Parentes, esse illos homines perquam insignes, qui ut alios ad Deum converbant, ad Indos & ultimas terrarum plagas abire gestiant, ubi inter immensas aerumna & pericula, vitam tandem ipsam & sanguinem, atrocissimis excrucianti tormentis, pro Christo profundant.” (ARSI, FG. 754, Carta de Franz Lang, Ingolstadt, 26 de Setembro de 1676, f. 184).

¹⁷ ARSI, FG. 754, Carta de Beat Amrhyn, Ingolstadt, 6 de Julho de 1662, f. 7.

A mesma observação pode, de igual modo, ser extraída do “Xaverius der mütig Helt [...]” (Xavier, o herói corajoso) da canção *Goldenes Tugendbuch*, no qual o tom é antes descrito como um tom de ascese missionária, que é suportado com a valorização especial do sofrimento encontrado, dos perigos, das adversidades, mais além, do profundo anseio de difusão da fé e da lamentação acerca do mesmo: “Que nem todos os gentios são Cristãos”!, como diz a quinta estrofe da canção. Em nenhuma das canções aparecem os convertidos como pessoas ou *in actio*. Igualmente, a distância da fé em relação à dimensão escatológica causa menos danos ao missionário do que eles mesmos. O texto concentra-se com isso exclusivamente no zelo missionário como valor em si, através do qual Spee, que ficou em casa, exprimiu os anseios subjectivos, e que, no entanto, de nenhum modo, usou o contexto de culturas estranhas e da distância geográfica da acção de Francisco Xavier como temas.

Na sua carta de candidatura para a missão fora da Europa¹⁸ Spee foi, de igual modo, parco em informações relativamente à origem da sua vocação, em particular, em comparação com muitos companheiros, os quais ilustraram ao Geral a origem do seu desejo, quais as qualificações que tinham e os fins que os moviam, com muito maior nitidez. Friedrich Spee, pelo contrário, permaneceu aqui silencioso e fechado de um modo quase místico. A Índia tinha ferido a sua alma, assim escreveu ele. Ele tinha tentado oprimir este desejo. Todavia, este arde no seu interior como carvão em chamas. O vocabulário utilizado correspondia, em larga medida, ao vocabulário duma circular do Geral, Muzio Vitelleschi, de Janeiro de 1617 recomendando a todos os companheiros das Índias e do Japão mais oração, com a esperança de surgirem novas vocações missionárias na Europa.¹⁸

Spee menciona a leitura desta do Geral e também o efeito da mesma sobre o seu ardente zelo missionário:

“E aí foi lida a sua carta dirigida pelos V. Reverendíssimos a toda a Companhia e através da referência das Índias o meu peito foi, com isso, de novo trespassado”.¹⁹

A preparação por Spee do seu anseio, sentido como vocação para a missão fora da Europa, permanece num tom muito subjectivo nas suas poesias de cantigas mais tardias. As meditações acerca dos esforços do Francisco Xavier tornaram em temas a sua luta interna como externa, a sua coragem e o seu zelo de almas. Um tom triunfal concomitante é produzido pelas poesias de Spee. A segunda estrofe do *Xaverius der mütig Helt* ilustra espontaneamente as experiências do candidato às missões Spee transpostas para as vozes do missionário da Ásia:

¹⁸ “Felicem Iaponiae statum Indiarumque omnium precibus universorum commendo, Dominum obsecrans, ut in multorum e Societate animas flagrantissima studia inflammet ad immanem illam sterilitatem sudoribus, vel etiam sanguine ipso irrigandem se conferendi. Hac in re, per Dei amorem, moderatores praesertim adiutores se praebant t administratos: atque in subiectis vocationes eiusmodi et conspiceret et incendere gaudeant. Neque suarum provinciarum caritate trahi si sinant; ne optimis operariis destituantur; sed Deo fidant, fore ut, si da ipsius gloriam egregiasque operas liberaliter in Indiam submittant, Europeas ipsorum provincias et numeo virorum et condicione Dominus locupletet”. (“Carta de Muzio Vitelleschi, 2 de Janeiro de 1617”, *Epistolae praepositorum Generalium ad Patres et Fratres Societatis Iesu*, Bruxelas, Província da Bélgica, 1909, f. 386sgs).

¹⁹ “Tacui interim et spectavi tamen semper quo spectabam: dum ecce perlectis nuper R.ae Paternitatis V. rae ad Societatem universam litteris, sub earum calcem de novo perfossum mihi pectus Indianum mentione”. (ARSI, *Rhen. Sup.* 42, f. 22).

“Parai, parai, é-me demasiado difícil,
a piedade é demasiado forte para mim.
O zelo da alma assola
e arde em mim tão fortemente,
que perante o calor mal pode permanecer mais:
Oh Deus o ardor é forte!”

De facto, a morte heróica fora da Europa foi transposta, não apenas para a arte como para as cantigas. No ano de 1628, três anos antes dos suecos saquearam a cidade de Mainz, os mártires japoneses companheiros de Paulo Miki tornaram-se um bom exemplo das verdadeiras perseverança na fé e na fortaleza para a população desta cidade. Um livro de cantigas da mesma época diz:

“A tua cruz preciosa oferece-me PAULO/
Isto pedi a JACÓ também da tua parte/
JOÃO oferece a tua/
que eu levo com gosto a minha.
A vós mártires pedem distintamente/
As crianças de Mainz grandes e pequenas/
afastai tempos difíceis/
como doenças danosas.
Afastai finalmente a guerra/
que obtenhais a desejada paz/
Ao povo para glória de Deus/
Ajudai-nos a espalhar a fé/.²⁰

Com efeito, não se entra aqui no exotismo do espaço asiático – este não joga qualquer papel – à semelhança do que acontece em Friedrich Spee! No entanto, Paulo Miki (1566-1597) e os mártires japoneses de 1597 são considerados, pelo seu martírio, instrumentos de salvação e, o que é muito mais interessante, a situação de perseguição e ameaça na missão japonesa foi relacionada por textos anónimos com as guerras entre os Estados da Renânia e do Hesse durante a guerra dos trinta anos. A crucifixão dos mártires japoneses é vista em analogia directa com a própria “cruz”, que tinha que ser aqui transportada: “A tua cruz preciosa oferece-me PAULO”.²¹ Pouco antes da entrada dos suecos em Mainz (1631-1636), as “crianças de Mainz grandes e pequenas” pediram, que o perigo ameaçador e a “doença danosa” da Reforma fossem afastados.

Diferentemente das poesias com as canções, em Friedrich Spee, os povos a serem evangelizados ganharam doravante, eles mesmos, uma parte activa no contexto da poesia, e, para além disso, também no desenvolvimento do contexto do poeta desconhecido, cantores coevos e posteriores, uma economia imaginada de misericórdia.

²⁰ A harmonia celeste de múltiplos sentimentos de alegria, sofrimento, compaixão encontram-se no *New Mayntsisch Gesangbuch* [Novo Livro de Canções de Mainz], Mogúncia, 1628, cujo quinto capítulo diz o seguinte: “Passarinho canário infatigável voando pelas ilhas veneradas, ou seja, pelo paraíso alegre, glorioso e celeste, por todos os coros dos queridos santos e de Deus dos mundos exteriores, modulando-os pelos coros dos santos queridos e dos escolhidos por Deus, os quais reproduzindo-se, terminavam junto ao Geral numa nova ordem.

²¹ Acerca da dialéctica entre as missões fora da Europa e as lutas religiosas na Europa, ver Po-Chia, Hsia, *Mission und Konfessionalisierung, Die katholische Konfessionalisierung. Wissenschaftliches Symposium der Gesellschaft zur Herausgabe des Corpus Catholicorum und des Vereins für Reformationsgeschichte* (1993), Münster, Aschendorff, 1995, pp. 157Sgs.

O carácter subjectivo da poesia de Spee foi com isto destruído, e, se se quiser, também a sua orientação eurocêntrica, quando o uso da palavra surge anacronicamente neste contexto. Não se trata somente do zelo de almas do missionário europeu, que é providenciado como protótipo, e cujo efeito edificante beneficia o Cristianismo ocidental. Já em 1628 o cristão novo do Novo Mundo podia servir como modelo na fé para o europeu debilitado pela guerra de religião, em especial, quando este sofreu antes o martírio.

O teatro

A afirmação de Elida Maria Szarota designando o teatro jesuíta como antepassado barroco dos mass media modernos revela-se particularmente interessante do ponto de vista do crescimento da Companhia.²²

O seu carácter eminentemente pedagógico e o seu valor propagandístico de temas e opiniões dirigiu o discurso aberto e demonstrou ser sobretudo formador de opiniões, no sentido da abordagem moderna de percepção do homem como testemunha ocular.²³ A direcção do efeito das peças, que foi designada por Szarota como manipuladora, dirigia-se nesta ocasião tanto para o observador, como para os próprios representantes. Pois a exigência das capacidades produtivas dos estudantes dos colégios jesuítas – como porventura a sua transposição para outras pessoas, contextos históricos e culturais – podia levar absolutamente que, nos actores duma certa importância, talvez permanecesse “um pequeno germen e transformasse o seu interior; pois apenas este seria a extensão verdadeira da sua pessoa”.²⁴

Uma prova desta conjectura de Szarota encontra-se nas *Litterae Indiapetarum*, as cartas de candidatura para as missões fora da Europa dirigidas por jovens jesuítas ao Geral. Um tal Karl Sonnenberg (1614-1668) contou em 1636 ao Geral, que uma vez tinha desempenhado o papel dum rapaz japonês numa peça escolar, na qual teve de cortar a orelha duma imagem pagã do Extremo Oriente, e que, desde então, se sentia fascinado pelas missões asiáticas.²⁵ Um tal Johannes Codonaeus (1614-1685) esclareceu o Geral, que tinha tomado a decisão de entrar na Companhia, após ter desempenhado numa peça teatral a personagem de “Thomas Morus”. Por tal razão, sentia-se atraído pela Inglaterra:

“Eu desempenhei há doze anos, quando ainda era retórico, o papel de Thomas Morus, chanceler de Inglaterra, no final da peça. No mesmo ano, devido a uma grave doença, proferi um votum de entrar na Companhia: oito anos depois deste voto, fui aceite, e isto, pela razão de um dia ser útil, tanto para a minha própria salvação, como para a conversão dos meus próximos em Inglaterra.”²⁶

²² Szarota, Elida Maria, “Das Jesuitendrama als Vorläufer der modernen Massenmedien”, *Daphnis. Zeitschrift für Mittlere Deutsche Literatur* 4 (1975), pp. 129-143.

²³ Feldmann, Erich, *Theorie der Massenmedien*, Munique e Basileia, E. Reinhardt, 1972.

²⁴ *Op. cit.*, p. 132.

²⁵ “Fovebam a primis iam annis ad Societatem animum, ut tertium aetatis annun, quo litteras sum auspiciatus, vixdum egressus parentibus, ad quem statum appellere vellem rogantibus ad Jesuitarum ordinem responderim. Brevi post prima quam egi in comedia pueri Japonici persona obtigit, ut aurem simulacro amputarum. (ARSI, *Germ. Sup.* 18 III, *Carta de Karl Sonnenberg, Friburgo (Suíça), Março de 1635*, ff. 470-471).

²⁶ “Rhetorices olim ego studiosus ante annos 12 egi in theatro publice pro finali actione Thomam Morum Cancellarium Angliae, eodemque anno periculose aeger feci votum ineundi Societatem IESU; ad

Ademais, podemos ver nesta forma de influência inconsciente dos estudantes e na propagação de figuras e protótipos mais um elemento do movimento de reforma e de modernização no contexto de confessionalização católica.²⁷ Os palcos dos colégios jesuítas ofereceram uma plataforma única, mas não exclusiva, à apresentação deliberada e à condução de discurso de temas e argumentos no contexto social. Estas representações visavam, segundo o seu efeito pedagógico, não apenas o cuidado e o reforço das virtudes cristãs em geral, como também continham, enquanto “crianças do seu tempo”, e, com frequência, elementos porventura escondidos ou menos, da Contra Reforma e representativos da Companhia de Jesus.²⁸ A apresentação frequente de temas relacionados com a missão e, com isso, actuais à época, servia aparentemente não só ao ensino e à diversão, como também à demonstração dum catolicismo vital, que mantinha activo em todo o mundo o heroísmo dos tempos dos apóstolos, e que tinha tido o seu precursor na Companhia de Jesus.

“Nos Países Baixos, na Hispania,
em França, em Itália,
na Índia, no Brazil,
na China, no Japão
hoje até ao fim do mundo
nós alegramo-nos e regozizamo-nos”

A Escola de Catequese de S. Columba, em Colónia, festejou desta forma o programa oferecido pelo primeiro centenário da fundação da Companhia de Jesus em 1640²⁹ e tornou, com isto, claro, que sua actividade realizada no mundo inteiro era sentida e divulgada como uma das suas mais importantes características.³⁰

Em especial, os mártires do Japão encontraram muito cedo o seu lugar nos palcos jesuítas europeus.³¹ Os materiais mais úteis aos actores foram sobretudo as obras *Christianorum apud Japonensis Triumphus* de 1623 de Nicolas Trigault e a *Historia Ecclesiastica Japonensis* (1678) pelo P. Cornelis Hazart (1617-1690), que foi editada em língua alemã em 1678 e, posteriormente, a *Historia Societatis Iesu* de Joseph Juvencios (1709). As peças orientavam-se na sua construção e na sua acção, antes de mais e, em geral, para material histórico, desenvolvendo posteriormente durante os sécs. XVII

quam ante annos circiter octo juxta votum meum admissus fui, illa de causa ut tandem aliquando et saluti propriae et proximorum conversioni in Anglia deservire possem.” (ARSI, Rhen. Inf. 15, Carta de Johannes Codoneus, Colónia, 1686, ff. 148).

²⁷ Valentin, Jean Marie, “Gegenreformation und Literatur: Das Jesuitendrama im Dienste der religiösen und moralischen Erziehung”, *Historisches Jahrbuch der Görresgesellschaft* 100 (1980), pp. 240-256.

²⁸ Valentin, Jean Marie, “Jesuiten- Literatur als gegenreformatorische Propaganda”, *Zwischen Gegenreformation und Frühaufklärung. Späthumanismus, Barock*, ed. Harald Steinhagen, Hamburg, Reinbeck, 1985 e Rädle, Fidel, “Das Jesuitentheater in der Pflicht der Gegenreformation”, *Gegenreformation und Literatur. Beiträge zur interdisziplinären Erforschung der katholischen Reformbewegung*, ed. Jean Marie Valentin, Amsterdam, Rodopi, 1979.

²⁹ Oorschot, Theo G. M., “Die erste Jahrhundertfeier der Gesellschaft Jesu (1640) in Kölner Katechismusspielen”, *Theatrum Europaeum: Festschrift für Elida Maria Szarota*, München, W. Fink, 1982, pp. 127-151, aqui p. 133.

³⁰ Este facto foi tratado também durante as controvérsias com os protestantes. Consultar, acerca do assunto: Ludwig, Frieder, “Zur Verteidigung und Verbreitung des Glaubens. Das Wirken der Jesuiten in Übersee und seine Rezeption in den konfessionellen Auseinandersetzungen Europas”, *Zeitschrift für Kirchengeschichte* 112 (2001), pp. 59-80.

³¹ Imoos, Thomas, “Der Missionsgedanke auf Schweizer Bühnen des 17. und 18. Jahrhunderts”, *Bethlehem* 37 (1932), pp. 292-296.

e XVIII uma vida própria, que estava mais interessada em conceitos e em questões de encenação do que numa autenticidade histórica. Tito de Bungo sobrepôs-se a todos os outros temas, tendo conquistado os palcos jesuítas de toda a Europa, após a primeira encenação realizada em Agosto de 1629.³²

O tema baseava-se no relato transmitido pelas *Litterae Annuae* de 1614 acerca da cruel provação e, consequente confirmação do nobre japonês Titus, que, baseando-se em certa medida no motivo de Abraão – Isaac, mais depressa sacrificaria os seus filhos que renegaria a sua fé. A sua representação ocorreu em 1657 em Eichstätt, em 1661 em Hildesheim, em 1663 em Bruxelas, em 1665 em Kortrijk em língua flamenga, e em 1672 em Gent, tendo sido especialmente frequente na década de 30 do séc. XVIII, quando foi representada, pela primeira vez, em 1731 em Osnabrück e em Munique, 1735 em Sitten, Eichstätt e Lucerna, 1738 de novo em Eichstätt e Ingolstadt. Por norma, tratava-se sobretudo de nobres, príncipes e infantes, que surgiam nesta e noutras peças relativas à História do Cristianismo no Japão e davam um brilhante exemplo para a perseverança heróica e forte na fé.³³

Naturalmente, a *Vita* de Francisco Xavier constituía, de igual modo, um dos temas teatrais favoritos. Assim, em 1710, no mês de Xavier, foi encenada em Eichstätt a peça *Xaverius mundi vanitatis victor*.³⁴ A encenação de outros dramas acerca de Xavier podem ser comprovados do séc. XVI ao séc. XVIII em Augsburg, Olmütz, Freiburg in Breisgau, Viena, Straubing, Emmerich, Lucerna e Aix-la-Chapelle.³⁵ Quando, em 1698, alguns panos, que tinham envolto o corpo do Santo durante um longo período na Índia, foram oferecidos a Paderborn, os retóricos do Colégio encenaram um melodrama na festa da Oitava de S. Francisco Xavier, no qual, o tesouro eclesiástico recentemente adquirido foi comparado com o tosão de Jasão. Em 1732, em Colónia, foi encenada a peça “Wie Xaverius in China stirbt”, [Como Xavier morreu na China], enquanto, em 1735, em Emmerich, foi encenada a peça “Wie Xaverius über den Götzendienst triumphiert” [Como Xavier triunfou sobre a idolatria].

Apenas na segunda metade do séc. XVII os palcos jesuítas abriram-se de igual modo e de forma lenta a temas da história da missão de outros continentes. Assim, Hernán Cortés começou a ser figurado, de início, de modo esporádico, nos anos setenta do séc. XVII e, de seguida, de modo continuado a partir de 1732 nos palcos jesuítas, nos quais ele podia aparecer como *miles apostolus*, mas também como fervoroso devoto de Nossa Senhora.³⁶ A peça *Atayualpa, Rex Peruviae*, a qual foi representada em 1707 pela classe de gramática do colégio jesuíta de Aix-la-Chapelle também conduziu o observador para a América Latina; a *Razcella*, que foi encenada em 1726 em Aix-la-Chapelle, de novo, ilustrou ao público as tentativas falhadas, no entanto, heróicas, da Companhia de Jesus na Etiópia.

³² Fleming, Wili, *Geschichte des Jesuitentheaters in den Ländern deutscher Zunge*, Berlin, Selbstverlag der Gesellschaft für Theatergeschichte, 1923.

³³ Beckmann, Johannes, “Der Missionsgedanke auf Schweizer Bühnen des 17. und 18. Jahrhunderts”, *Bethlehem* 37 (1932), pp. 292-296.

³⁴ Dürrwächter, Anton, “Das Jesuitentheater in Eichstätt”, *Sammelblatt des Historischen Vereins Eichstätt* 10 (1896), pp. 43-102, aqui pp. 64 e 67.

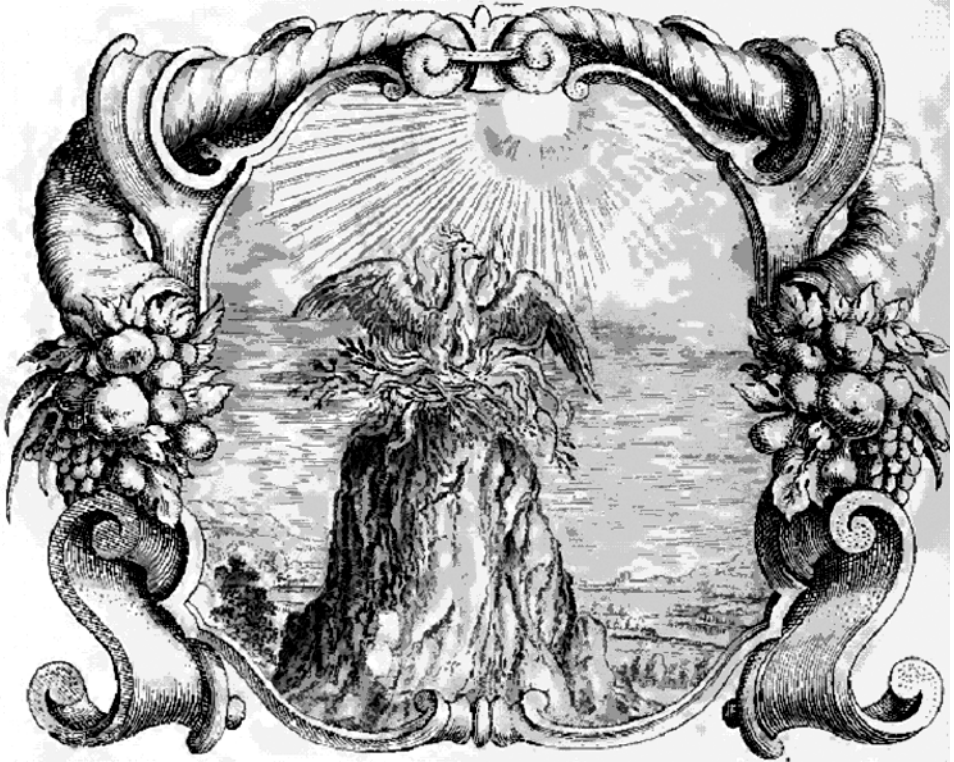
³⁵ Müller, Johannes, *Das Jesuitendrama in den Ländern deutscher Zunge vom Anfang (1555) bis zum Hochschulbarock (1665)*, Berlin, Selbstverlag der Gesellschaft für Theatergeschichte, 1923.

³⁶ Wimmer, Ruprecht, “Hernán Cortés in der Geschichtsschreibung und auf dem Theater der Jesuiten”, *Von der Weltkarte zum Kuriositätenkabinett. Amerika im deutschen Humanismus und Barock*, ed. Karl Khut, Frankfurt am Main, Verwuert, 1995, pp. 231-245.

580

IMAGO PRIMI SÆCVLI SOC. IESV.

Martyrum pretiosa mors.



Non poterat fato nobiliore mori.

Ilustração 8

Gravura ilustrando a obra de Jean Bolland et al.,
Imago primi saeculi Societatis Iesu a Prouincia Flandro-Belgica euisdem Societatis representat,
Antwerp: Ex officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1640, p. 580.
Obra em posse da Johannes-Gutenberg Universität Mainz

Imago Primi Saeculi Societatis Iesu

Os mártires do Japão encontraram o seu lugar na obra já muito divulgada da *Imago Primi Saeculi*, uma obra comemorativa em seis volumes, relativa ao jubileu da Companhia, que surgiu por desejo do Provincial da Flandres sob a coordenação do

P. Jean Bolland (1596-1665).³⁷ A perseverança na fé é cantada em modo de *Dystichon* pelos habitantes das ilhas convertidos pelos jesuítas num poema com o título “Der Glaubenseifer der Japaner im Feuer öffnet sich der Liebe” [O zelo da fé dos japoneses abre-se ao amor]:

“Quais os milagres dos homens – Oh divino – traz este país? O nosso mundo não tem tais corpos. [...] Almas festejadas, já há muito a lenda difundida trouxe a vossa fama vitoriosa pelo Oceano Índico. A Europa admira-se com, e aplaude, os triunfos japoneses. [...] Teria alguém podido crer que se desenvolveria um tal mundo a partir de este, que Roma desejava prestar aos seus santos?”

De modo estilisticamente desbastado foi aqui precisamente representada a jovem igreja japonesa na exemplaridade e na sua perseverança na fé. O agradecimento formulado em Neisse para três modelos na fé – Miki e os seus companheiros só seriam canonizados muito mais tarde³⁸ – cresceu no texto da *Imago Primi Saeculi* para um exaltado hino. Assim, também se diz acerca dos cristãos japoneses:

“Os corpos são comparáveis, todavia os sentimentos são mais esmerados; estes tornam os corpos invencíveis no meio do fogo”.³⁹

Na situação de crise causada na igreja católica do Ocidente pelas guerras de religião vigorava, e assim terminava o poema: “Um país de bárbaros dará o que será objecto de veneração à Europa”.

O contraste da realidade europeia com “as lendas vindas do outro lado do Oceano Índico” estilizou a Igreja do Japão como o local de perseverança heróica na fé. A situação, que tudo isto se jogava em territórios desmesuradamente longínquos aos olhos do observador de então, aproximava-se, por um lado, seguramente de fantasias utópicas dum Cristianismo feliz,⁴⁰ mas também fortalecia os católicos da Europa Central vivendo numa situação de guerra.⁴¹ Na descrição da jovem Igreja da Ásia

³⁷ *Geschichte der Kirche in Japan, Geschichte der Kirche in Japan : eine Ausstellung der Diözesan- und Dombibliothek Köln in Zusammenarbeit mit der Sophia Universität Tokyo zum 50 jährigen Bestehen der Partnerschaft der Erzdiözesen Köln und Tokyo*, ed. Werner Wessel, Colónia, Diözesanbibliothek Köln, 2004, pp. 287ss.

³⁸ A sua canonização data de 1862, tendo a sua beatificação ocorrido já em 1627. Consultar De Ruiz Medina, Juan, “Mártires jesuítas y víctimas de la fe en Japón”, *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús: biográfico temático*, dir. Joaquín M. Domínguez, S. J. e Charles O’Neil, Roma e Madrid, Institutum Historicum Societatis Iesu e Universidad Pontificia Comillas, 2001, vol. III, p. 2545.

³⁹ Wessel, *op. cit.*, p. 288. É, de igual modo, notável, neste contexto, a divulgação da representação do martírio em panfletos gravados por Wolfgang Kilian e impressos a partir de 1628 em Augsburg. O título é: “Drey Seelige Martyrer der Societet Jesu/ Welche in Japon neben anderen 23. den Namen Christi mit ihrem Blut bezeugt/ [...] im Jahre 1597”, e caracteriza-se, sobretudo, pela acentuação da forte *Imitatio Christi* na representação dos mártires, quando os algozes trespassam lateralmente Miki com uma lança. Uma imagem de toda a gravura encontra-se reproduzida no catálogo da exposição *Krieg und Frieden in Europa*, Münster, Veranstaltungsgesellschaft 350 Jahre 350 Jahre Westfälischer Friede, 1998, p. 303.

⁴⁰ Acerca do discurso da utopia suscitado pela descoberta da América na Europa, ver Gutierrez, Alberto, *La Iglesia en Latinoamérica: Entre la Utopia y la Realidad*, Roma, Istituto poligrafico e Zecca dello Stato, 1996.

⁴¹ Tais concepções pareciam ainda virulentas à sensibilidade do historiador da Companhia Anton Huonder (1858-1926) e foram aceites sem qualquer sentido crítico no seu valor informativo apologético. Assim, Gutierrez escreveu no seu artigo com o título do P. Joseph Stöcklein “Neuer Welt-Bott”, um precursor das missões católicas no séc. XVIII, p. 7: “Estes novos actos de mártires defendiam a veracidade da igreja hostilizada e despertaram entre os católicos uma admiração sagrada. Também se sabe que motivaram a entrada de S. Luís Gonzaga na Companhia.”

proporcionavam-se possibilidades de comparação com a Igreja perseguida da Antiguidade Romana. Sobretudo, os mártires fora da Europa possuíam um poder legitimado para a verdade da Igreja de Roma. A sua acção e a sua actuação, segundo a perspectiva (ecuménica) de todo o globo terrestre habitado, encontrava-se não, por último, na tradição apostólica dos martírios dos seus missionários, mas nos recém-convertidos asiáticos, testemunhando, com isso, a pretensão de verdade e tradição da Igreja Católica-Romana.⁴²

⁴²Gregory, *op. cit.*, p. 7, também descreve o modo como esta formação de legitimidade e de tradição de martírio eram buscadas pelos reformadores. Afirmou Gregory: “Ensinamentos contestados, entre eles, a primazia papal, o baptismo de crentes e a justificação apenas pela fé separaram os cristãos entre si. Os mártires demonstraram a sua disponibilidade para morrerem por estas crenças, proclamando que o compromisso com a verdade prevalece sobre a continuação das suas vidas. As doutrinas encontravam-se firmemente ligadas aos mortos. Católicos, anabaptistas e protestantes celebraram os seus heróis respectivos, criando tradições martirológicas exclusivas, e que se tornaram elemento das suas identidades colectivas.”

